

Da Constituição e das Dinâmicas Conjugais

Abraham H. Turkenicz¹

Resumo

O presente trabalho indica a satisfação de moções pulsionais e a obtenção de gratificações narcísicas como os fundamentos do vínculo conjugal. Aborda alguns fluxos e pulsações da vida conjugal, seus afastamentos e aproximações. Estuda circunstâncias como dissintonias, ciúmes, conflitos e crises na vida conjugal para as quais formula alternativas e desdobramentos.

Palavras-chave: *constituição vínculo conjugal; dinâmica conjugal.*

The Constitution and of Conjugal Dynamics

Abstract

This paper indicates erotic drives satisfaction and narcissistic gratification as the basis of conjugal relationship. Some fluxes and pulsations of conjugal life, their nearness and distances are included in such discussion. In addition, we approach circumstances as differences, jealousy, conflicts and crises in conjugal life, formulating alternatives and consequences.

Keywords: *conjugal relationship constitution; conjugal psychodynamics.*

A certa altura da vida, habitualmente a adolescência, o nicho endogâmico caracterizado pela proibição do incesto produz vazios relacionais que impelem os/as filhos/as ao universo exogâmico. Referências identificatórias de 'homem' e 'mulher' requerem que o/a adolescente se volte a outras figuras, além daquelas marcadas pelo caráter de 'pai' e 'mãe'. A angústia aprisionadora do mundo endogâmico esbarra em novos objetos do 'exterior' e se descobre arrebatada por encantos de um novo repertório de sentimentos e sensações, oriundo de outros vínculos amorosos. A palavra amor abrange um universo semântico bastante amplo. Desde a longínqua periferia afetiva até a união fusional, suas expressões são inúmeras e variadas. A psicanálise revela que não é exatamente magnanimidade e nobreza de sentimentos o que se encontra nos fundamentos do amor. Divisa-se ali um moderador civilizatório oriundo de um instinto animal cujo fim último é a união sexual combinado a uma forma de generosidade que dissimula o amor a si mesmo através do amor pelo objeto, de quem se espera que preencha o que não tenho ou sou. Em linguagem psicanalítica, uma articulação entre *moções pulsionais e gratificações narcísicas*. Marcas de origem que não desqualificam o sentimento

¹ Psiquiatra, psicanalista e terapeuta de casais e famílias. Sócio fundador do Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência de Porto Alegre (CEAPIA) e fundador do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEP). Ex-docente da Faculdade de Psicologia da PUC-RS (1980-1988). Autor de *A Aventura do Casal*, Ed. Artes Médicas, 1995. Coordenador do seminário *Adolescência e Família*, no CEAPIA (2011). Coordenador do grupo de estudos sobre *História da Família Ocidental*, no CEAPIA (2011). E-mail: abraham@cpovo.net

amoroso. O tamanho do mal-estar oriundo da solidão dá a dimensão daquilo que o encontro amoroso aspira preencher.

Abordaremos neste estudo os casais constituídos por pessoas adultas. Tanto ‘casal’ quanto ‘adulto’ nomeiam configurações e condições bastante heterogêneas. Despido de seus acessórios circunstanciais, o casal requer para sua constituição pelo menos duas pessoas, um *Ego* e um *Alter*. Esta forma de nomear tem a vantagem de abarcar as uniões de várias orientações sexuais. Movidos por moções pulsionais e pela expectativa de obter gratificações narcísicas, a aproximação entre seus protagonistas é capaz de gerar uma experiência prazerosa. São situações onde operam códigos – conscientes e inconscientes – que estabelecem pactos, ajustes e acordos a compartilhar. Alguns desses encontros geram um prazer que se esgota em horas ou minutos. Outros despertam desejos de serem prolongados, repetidos, renovados, dando lugar a uma convivência. O reconhecimento do desejo de renovar esses encontros move os interessados a cumprirem os acordos antes mencionados. Constata-se uma grande variação nas formas de relacionamento, segundo que graus de envolvimento emocional apresentem, segundo sua duração, seus direitos e obrigações, suas regras de convivência, os papéis, os projetos e outros interesses. Interações oriundas da convivência revelam ressonâncias e dissonâncias, afinidades e divergências. A presença de sentimentos amorosos exalta e celebra as semelhanças. Quanto às divergências, o sentimento amoroso incide na direção de harmonizá-las. O trabalho de modificar expectativas divergentes através de renúncias tende a ser compensado, não raro com sobras, pela confirmação do amor do outro. Um amor reconfirmado, e ainda acrescido de gratidão, tende a recompensar o sujeito pela renúncia feita. A sintonia que se constitui entre os protagonistas é capaz de produzir as sensações como “não estou só, não estamos sós”. Invoco aqui a noção winnicottiana de ‘espaço transicional’. Considero que na relação amorosa constitui-se um ambiente à semelhança daquele descrito por Winnicott, um “espaço transicional de namoro”. O winnicottiano e o que proponho apresentam as seguintes semelhanças: a) uma configuração interna ligada a uma realidade externa; b) ambas se apresentam com o caráter fugaz de uma experimentação; c) estão constituídas de substância ilusória (ilusão de que a realidade externa coincide com aquilo que o sujeito deseja e é capaz de ‘criar’) e d) alguém se atribui direitos sobre o objeto (este deve mostrar uma vitalidade própria, mas não deve mudar).

Um destino possível para a relação amorosa é que se torne uma relação conjugal. A constituição do “nós” conjugal implica que algo de Ego fica alienado, ou seja, acarreta algum nível de prejuízo narcísico. Se o amor do Alter contrabalança esse prejuízo, o vínculo é restaurado e revigorado. A dança é uma boa metáfora que descreve as relações conjugais. Ela sugere uma co-organização que cria e recria movimentos gerando prazer.

Moções pulsionais e gratificações narcísicas

As moções pulsionais encontram no erotismo conjugal uma importante alternativa de realização. Combinando imaginação, aprendizado e comportamentos roteirizados, a prática erótica origina ressonâncias e dissonâncias. Além das sensações agradáveis que produz, ela incide na constituição de identidades individuais e de gênero. Historicamente a sexualidade esteve capturada pelas culpas,

pelo medo da gravidez indesejada e pelas doenças sexualmente transmissíveis. A própria psicanálise, além de outros estudos sobre sexualidade, incidiu para diminuir as culpas. O advento de modernos recursos anticoncepcionais afastou a ameaça da gravidez indesejada. Os antibióticos reduziram os temores das doenças sexualmente transmissíveis. Assim, a partir das últimas décadas do século XX, a sexualidade, verdadeiro território de experimentação, vagueia indiferente a limites estreitos de pudor por um território onde a arte erótica se expande até as fronteiras de uma ética bem mais elástica, abrigando confortavelmente um exercício recreativo da sexualidade. É verdade que depois de perder seu caráter sagrado, a sexualidade tornou-se um divertimento ameaçado pela monotonia caso não seja capaz de incorporar novidades.

Entre as expectativas de gratificação narcísica deve-se ter em conta que habitualmente espera-se que a vida conjugal repare algumas das inevitáveis carências oriundas dos vínculos primários, que restaure sentimentos de abandono e aprimore lacunas evolutivas. Marcas dos primitivos vínculos de apego são posteriormente incorporadas no âmbito do narcisismo. O mundo conjugal as acolhe e satisfaz através de uma sintonia afetiva, a percepção tranquilizadora de que ambos compartilham um espaço emocional comum, de que tanto Ego acolhe Alter dentro de si quanto é por Alter acolhido. A vida conjugal proporciona uma valiosa oportunidade de recuperar insuficiências trazidas das histórias pessoais de cada protagonista. Nos tempos que correm, espera-se que a constituição do casal promova recursos capazes de conter ódios e estimular amores, interromper sofrimentos e fomentar esperanças, organizar confusões e favorecer a capacidade de pensar, num ambiente que realce o desenvolvimento das potencialidades criativas dos protagonistas. A relação conjugal também implica numa escolha ativa pelos seus membros. Sendo escolha, faz-se acompanhar de uma renúncia que deve ser compensada pelo incremento narcísico que ganha um dos membros do casal por ser escolhido pelo outro. O intercâmbio de matéria narcísica que circula pelo espaço psíquico do casal abriga acordos confirmatórios de lugares privilegiados que se prolongam através de itinerários ilusórios encarregados de confirmar os aspectos valorizados da própria identidade. A relação conjugal costuma acolher a ilusão de completamento e sintonia. Também se vale de uma dialética tortuosa que combina autonomia e dependência, vínculos constituídos por especularidades narcísicas com a circulação de fluxos capazes de gerar, reforçar e desfazer laços.

A sucessão de movimentos pulsáteis da vida conjugal abarca diferentes sentimentos predominantes, desde o êxtase amoroso até o apego tranqüilo. Enamoramento e calma, especularidade e diferença, união e abandono são parte desse universo. Nem sempre o que prevalece em Ego é o mesmo que prevalece em Alter.

Pulsações conjugais: afastamentos, aproximações, afastamentos, aprox...

No amplo repertório das dissintonias podemos encontrar algumas como as que acabamos de mencionar. Ego espera solidariedade e Alter está egoísta. Ego quer uma proximidade que para Alter é um aprisionamento. Ego necessita de uma distância que para Alter é abandono. A própria convivência cotidiana, prática tão comum entre os casais até a pouco tempo, para alguns torna-se um ambiente claustrofóbico. Necessitam de um tipo de território pessoal de sorte que viver sob o mesmo

teto pode comprometê-lo. Tratam de estabelecer uma sintonia conjugal através de encontros desejados e escolhidos, dissipando o sentimento burocrático de obrigação e o sentimento nefasto de subserviência. A tecnologia dos últimos anos tem inclusive proporcionado a existência de uniões internacionais, Ego vivendo num país e Alter noutro.

No campo do erotismo, a insatisfação pode surgir e repetir-se. Às vezes, no que se refere às quantidades: Ego quer mais, Alter prefere menos. Às vezes no que diz respeito à qualidade. Ego quer um tempero a mais, um colorido, uma variação que Alter vive como uma profanação, uma perversão humilhante ou uma incômoda e penosa acrobacia. Moções pulsionais frustradas e/ou impedimentos de descargas libidinais produzem efeitos tóxicos que entorpecem a relação. Essas situações reduzem os momentos de prazer e anunciam a sensação de esgotamento. Para alguns, a relação conjugal perde a chispa, o lampejo vivaz que o cotidiano sufocou, que os compromissos arruinaram e onde a alegria e a surpresa foram consumidas. Toxinas conjugais que concorrem para o surgimento de patologias psicossomáticas, adição a drogas, traumatofilia e outros sintomas da linhagem depressiva. O acréscimo das insatisfações não só aumenta o trabalho de permanecer juntos, mas também leva a crises na relação. São momentos em que a alternativa de permanecer juntos é tão possível quanto a de separarem-se, seja para Ego, seja para Alter, seja para ambos. Isso aumenta o nível de tensão na relação, tornando agudo um mal-estar crônico, mas é também uma valiosa maneira de sacudir-se do estado de cronicidade. Avaliar a relação nos seus vários aspectos pode conduzir à conclusão de que ela deva terminar. Neste caso, tomar as providências para efetivar a separação volta a colocar cada um dos seus membros em condições de recuperar uma esperança de felicidade que a atual relação não é mais capaz de proporcionar. Mas o exame da relação pode, não obstante, reforçar a convicção de que a convivência seja capaz de proporcionar o tanto de satisfação com que cada um possa sentir-se satisfeito. Nestas ocasiões ocorre um recasamento. Não mais o prolongamento burocrático de uma decisão do passado, mas uma disposição atual sustentada em qualidades reconhecidas e valorizadas no tempo presente.

O ciúme é outro dos sofrimentos frequentes no universo conjugal. Há que ter em conta que qualquer que seja a forma de amor, ela implica um conflito com a liberdade. A renúncia a alguma porção de liberdade é o ônus de quem pretenda não sucumbir à solidão. Ocorre que vivemos num tempo em que a liberdade é um bem muito precioso. Qualquer situação que sugira restrição a alguma porção de liberdade mobiliza formas de desembaraçar-se dela, mesmo que em caráter ilusório. O compromisso de fidelidade, que os apaixonados fazem com alegria, passada a paixão tende a tornar-se um acordo de proteção recíproca contra o sofrimento narcisista de perder um lugar de exclusividade. Aqui não resta a grande número de casais contemporâneos senão algum nível de suspeita e angústia, seja por Ego perder o lugar de exclusividade que ocupa para Alter, seja por dirigir a outro que não Alter seu interesse erótico. Mesmo que o lugar de um terceiro não esteja ocupado, o fato disso poder ocorrer mantém os protagonistas do vínculo conjugal expostos ao temor de que alguém o ocupe. O medo e a imaginação de cada um dos dois poderá preencher esse espaço vazio com uma vasta população de fantasmas.

Além dos ciúmes, outro frequentador assíduo da vida conjugal são os conflitos. Expressam um tipo de interação que destaca as diferenças entre os cônjuges. Qualquer tipo de convivência,

inclusive a conjugal, costuma estar permeada por situações desse tipo. Ego quer dispor das economias conjuntas para uma finalidade, Alter as prefere para outra. Ego quer ter um filho, Alter não. Gosto de pensar tais diferenças como Freud propôs ao descrever o “narcisismo das pequenas diferenças”: conteúdos em torno dos quais se acrescentam juízos de ordem narcísica. Ego valoriza opiniões fundamentadas que requerem silêncios reflexivos. Quando Alter expressa uma opinião imediatamente depois de um evento, Ego o considera leviano e inconseqüente. Mas Alter pode valorizar a agilidade e a desenvoltura. Assim que se Ego precisar tempo para formular seu juízo pode ser considerado burocrático, evasivo ou procrastinador. São diferenças que podem, com facilidade, acionar formas violentas de interações, sobretudo episódios de microviolência. Suas manifestações vão desde a indiferença silenciosa e hostil até práticas que incluem a apropriação da voz e do lugar do outro, a repetição exaustiva e destemperada de juízos desqualificadores, insultantes, um sem-fim de enunciados acusadores ou a prática de dizer e depois negar o dito. Roteiros que combinam elementos de repetição desgastante, desilusão, rancor e cerceamento e se manifestam por aparentes interações que não passam de solidões paralelas.

O enfrentamento dessas posições antagônicas é capaz de acionar dispositivos de resolução desses conflitos cujos desdobramentos constituem um importante patrimônio que a vida de casal acumula. Esses dispositivos habitualmente incluem: 1) a explicitação de cada uma das posições; 2) a capacidade de deslocar-se para o ponto de vista do outro e considerar suas razões; 3) identificar quais os componentes narcísicos que as diferenças mobilizam; 4) possibilidade de se imaginar renunciando às suas posições em apreço ao desejo do outro sem desconsiderar os efeitos sobre si que tal renúncia causaria; 5) tornar o outro conhecedor dessa operação mental; 6) inteirar-se dos conteúdos que uma operação equivalente gera no outro; 7) explicitar sua disponibilidade para a renúncia e 8) caso ela seja inofensiva, sua aceitação pela parte do outro será suficiente e caso ela seja excessiva, qual o tipo de compensação que aceitaria. Se, depois dessas operações, o acordo não for possível, podemos esperar que tanto Ego quanto Alter priorizem sua condição individual em detrimento dos investimentos dirigidos à relação. Mas se acordos forem possíveis, o efeito cicatrizante e regenerador da reconciliação gera acréscimos ao patrimônio afetivo do casal. Isso põe Ego e Alter em condições de desfrutar das alegrias da solidariedade, da cumplicidade e do sentido de equipe, responsáveis pelas benesses que a experiência conjugal é capaz de proporcionar a seus membros.

Referências

- Berenstein, I. (compilador) (2000). *Clínica familiar psicoanalítica. estructura y acontecimiento*. Buenos Aires, Barcelona, México: Editorial Paidós.
- Burin, M. & Meler, I. (2001). *Gênero y familia. Poder, amor y sexualidad em la construcción de la subjetividad*. Buenos Aires, Barcelona, México: Editorial Paidós.
- De Cristóforis, O. (2009). *Amores y parejas en el siglo XXI*. Buenos Aires: Letra Viva, Librería y Editorial.

- Freud, S. (1920-1979). *El malestar em la cultura*. Obras Completas, Volume 21. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Turkenicz, A. (1995). *A aventura do casal. Uma abordagem teórico-clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. (1951-2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais (1951). In *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Enviado em 13/09/2011

Aceito em 16/11/2011